

EROTISMO E IDENTIDADE

Erotism and identity

Daniel Mineiro^(*)

O que caracteriza a sociedade atual é a falta de energia de enlace dialógico. Quando o dialógico desaparece do cenário, aparece um teatro das afetações [...] O teatro erótico é o lugar em que é possível a sedução, a fantasia para o outro (HAN, 2016, p. 81).

Resumo

À sociedade atual, dizia Byung-Chul Han, falta erotismo. Estamos todos envoltos numa estética, que não nos deixa ver esta necessidade. Por isso, por meio de uma atenção fenomenológico hermenêutica, é preciso mudar o estatuto da realidade, o modo como percebemos a realidade e apontar as consequências antropológicas desta mudança, que é erótica. Só desta forma, o homem se vê a braços com a densidade do real e ganha sentido o simbolismo erótico, que é utilizado na nova forma de espiritualidade que é o ato de tatuar a pele.

Palavras-chave: Outro. Transgressão. Interdito. Tensão. Erotismo. Pornografia.

Abstract

Why will believers feel the obligation to “defend the honor” of their god before those of different faith, in a violent way? Is this god so weak and powerless that he can't even defend himself, or the faithful Summary Today's society, said Byung-Chul Han, lacks eroticism. We are all involved in an aesthetic, which does not let us see this need. Therefore, through a hermeneutic phenomenological attention, it is necessary to change the status of reality, the way we perceive reality and point out the anthropological consequences of this change, which is erotic. Only in this way, man finds himself grappling with the density of reality and the erotic symbolism gains meaning, which is used in the new form of spirituality that is the act of tattooing the skin.

Keywords: Other. Prohibited. Voltage. Eroticism. Pornography.

1 A LUZ SOLAR E A CANDEIA: O paradigma nietzscheano

Durante o dia, relata Nietzsche, um homem sai com uma candeia na mão, para procurar Deus. A luz do sol e a luz que este homem leva confundem-se numa única busca, essencial, mas, a sobreposição da narrativa, não é arbitrária: há um corte epistemológico, que é preciso notar (MARION, 1980, p.48).

O homem, insensato, quer ver Deus. Sustentado pela sua vontade e pelas suas capacidades, simbolizadas pela luz da candeia, quer descobrir o sentido da sua vida. Não está disposto às recetividades próprias de uma salvação, nem para o Dom. Por seu

^(*) Doutor em Filosofia pela Universidade de Évora/Universidade de Valencia. Professor e coordenador de projetos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atua nas áreas: Filosofia da Religião, mística cristã, ecologia, espiritualidade, religiões orientais

punho e percepção, quer encontrar, delimitar, descrever a presença de Deus e, o resultado é o pior dos diagnósticos: a morte de Deus.

Nesse paradigma, primou uma vontade incontrolável, as normas de uma percepção convencida de si e a moral cristã. Não houve momento algum para uma fenomenologia do Divino, com base numa percepção distanciada. A imposição não conheceu tréguas e estes modelos estenderam as suas raízes até outras estruturas de sociedade; mais precisamente podemos dizer que se plasmaram nos modelos onto-teológicos (MARION,1980,p.35) e nas estruturas pós-modernas de organizar a sociedade como negação do Outro.

De modo liminar, a comunidade urbana atual está organizada de acordo com um conceito de Pessoa, de Relação e de Mundo muito específicos. A pessoa, de acordo com a performance digital vigente, corresponde ao seu avatar, que deve forjar a identidade e estar sempre disponível para os demais cidadãos. A relação intersubjetiva está regada por um princípio de comunicação postíça, que segue as virtualidades dos aparelhos digitais. Finalmente, o mundo dos utensílios está ordenado através da estética do polimento: tudo está feito de acordo com uma superfície avessa às “rugas reflexivas” (HAN, 2016, p.11).

Não há espaço para a diferença, para que o Outro se manifeste desde as suas notas próprias, porque, tudo está previsto de acordo com uma norma. O imperativo do polido, a performance que organiza as formas de comunicação e reduz o homem à resposta que tem de dar à notificação que recebe não permitem que o Belo apareça. Gosto, é doce, é agradável, são declinações de um terreno que já foi construído de modo a suscitar esta resposta favorável, portanto, não existe momento algum para o encontro, para o acontecimento do Outro em nós. Insisto, agora, como antes - quando a candeia tentava ver Deus - existe o imperativo da vontade, que não se submete às silhuetas do Belo. Com efeito, há que implantar um “pino” epistemológico.

Diante deste vazio, há que espreitar para a antecâmara da pulsão determinante, por outras palavras, há que inverter o processo de busca e de realização no mundo, para que os resultados esperados possam aparecer.

2 ACERCA DO ACONTECIMENTO: Notas sobre a percepção

O pensamento de origem hermenêutica e fenomenológica deu uma solução fina ao problema da vontade: inverteu o verbo iluminar pelo seu contrário, ser iluminado². Já não se fala em determinar a realidade, mas em ser tocado, iluminado, atraído e seduzido pela mesma, através de uma estrutura de percepção muito precisa. O que é uma mudança muito grande.

Inverter a acalmia do dúctil e do funcional implica mudanças a vários níveis: no que diz respeito ao estatuto do real, percepcionado. Relativamente ao modo de acolher o real. No campo da mudança ontológica, que este encontro produz. Finalmente, na dimensão de ser no mundo. Com efeito, estruturas de percepção e realidade percepcionada estão em jogo, de forma inaudita, para que o «acontecimento do encontro» não se reduza a uma mera descrição, já preparada pelo polimento autoerótico (HAN, 2016, p.32)³.

Sistematicamente, o real não é um dado, que foi produzido pelo sujeito, de acordo com o seu bel-prazer. Pelo contrário, na concepção hermenêutica, surge com uma densidade, um recato e um mistério, que o retiram de um diagnóstico rápido.

Passando ao campo da percepção, se o real é filho de um encobrimento, esta surge com a virtualidade que o real lhe permite. Não pode diagnosticar ou descrever coisa alguma, que não esteja diante da percepção. Na medida em que os instrumentos de percepção são tocados pela realidade, passam a assumir os dados do real como próprios e a estética da vulnerabilidade, assume a dianteira, que estava tomada pela estética do polido.

Juntando a realidade e modo de percepção da mesma, urge uma tematização do encontro, portanto, ao momento de simbiose é possível chamar: «acontecimento» do real em nós. Nem só realidade, isolada do sujeito, nem apenas o sujeito, que está pronto a tecer juízos sobre a realidade. A proposta fenomenológico-hermenêutica, que conta com as agitações provocadas por Sartre/Henry/Ricoeur/Byung-Chul Han, promove uma

²As obras de Byung-Chul Han que tem vindo a lume são exemplo disso. *O desaparecimento dos rituais* mostra de que modo uma sociedade da performance corrompe o objetivo de encontro com os Outros Seres Humanos e com a Realidade. A salvação do Belo e a Agonia do Eros mostram a metodologia para inverter uma estética do polimento e apostam na reconsideração da tensão erótica. Por fim, o Enxame mostra os modelos de “enformação” que a sociedade digital está a adotar.

³“Na presença do belo, o sujeito agrada-se a si mesmo. O belo é um sentimento autoerótico. Não é um sentimento do objeto, mas do sujeito. O belo não é algo diferente por que o sujeito se deixaria arrebatar. A complacência no belo é a complacência do sujeito em si mesmo”. Byung-Chul Han, *A Salvação do Belo*, p. 32. Há uma ideia de circularidade muito interesse no projeto de organização da sociedade atual.

leitura do real, desde a densidade do mesmo. Por outras palavras, defende uma descrição da realidade.

O campo dos resultados do encontro surge como terreno epistemologicamente denso: clareira da verdade. Na medida em que surge uma percepção, desinteressada do real, sujeito e objeto, juntam-se numa outra dimensão de sentido, que tem consequências para cada uma das partes e ao nível científico, instituindo um outro paradigma de verdade (ZUBIRI, 1992).

Com esta ponte entre o sujeito e a realidade, está aberto o campo de contacto com o Outro. Existe um acolhimento da realidade, que é diferente. Não existe resistência, da ordem da predeterminação do real, porque, tudo se passa de acordo com a estética da vulneração. Mas para além disso, da tensão entre o sujeito e o objeto, surge uma outra nota, que habitualmente é mal considerada: o erotismo.

3 A TENSÃO ERÓTICA

A leitura do conceito de erotismo exige uma iniciação, para que o sorriso e a confusão se esfumem, porque, esta noção se pode emparelhar com cenários obscuros, nem com uma perversão da imagem: a pornografia.

Eco, no seu *Diário Mínimo*, afirmou que o erotismo é um espetáculo, que se pode consumir - em mangas de camisa - a qualquer hora (ECO, 2017, p. 31). Bataille falou de uma união de corpos, ficando equiparado a uma mera sedução (Bataille, 1988). Foucault remeteu o tratamento da questão para os fundos de uma História da Sexualidade, que ainda obedece ao enunciado do uso dos prazeres (Foucault, 1997). Américo Pereira definiu a noção, num horizonte platónico: tensão para o Bem/Belo (PEREIRA, Lusosofia). Estas são as entradas para o tema, com que podemos contar; no entanto, há que avançar para outro terreno analítico, que faça jus ao que o erotismo é.

A ideia que habita a percepção comum remete para uma sedução: somos atraídos por uma Pessoa, ou, por outro lado, atraímos uma determinada Pessoa. Por que razão acontece esta atração? A desmontagem hermenêutica do paradigma normativo dá uma luz sobre a temática. Existe uma tensão entre duas pessoas, porque existe uma receção de uma determinada pessoa, por outras palavras, porque acontece um outro em nós.

Com efeito, o erotismo nada tem que ver com emoções mais ou menos comprometedoras. Na sua realidade mais densa, o erotismo é a forma em que a percepção

do Outro se dá. É o resultado da tensão intersubjetiva, melhor, a tensão em ato de atração. Nada tem que ver com a funcionalização da imagem, que é pornográfica. Retomo, o erotismo é o encontro entre dois sujeitos, portanto, é profundamente respeitador da forma na qual outra Pessoa me aparece.

Desta feita, apresenta-se com uma gramática muito densa: é enigmático, implica distância, implica resistência. Não é nada de polido, é a tensão, que é própria de uma realidade que se dá, apesar das suas resistências. É uma atração, um desejo, que nada tem de vontade, porque, nesta situação erótica na qual somos atraídos para o outro, não existe uma tendência para dominar o Outro. Apenas se pode falar de uma sedução, de um desejo, de uma tendência, que logo tem de convocar para a tematização uma atenção àquilo que o Outro é.

A este respeito a polaridade de Bataille é curiosa: viver na tensão erótica implica mistério e transgressão. É preciso continuar a manter o modelo de acolhimento para realidade, para que o polimento não corrompa o encontro, mas este respeito pela densidade do real, tem de assumir uma procura ativa do Outro, que é uma transgressão (SERVOIS, 2009, p.32).

É desta tensão que pode viver a sociedade, porque de outra forma, surge uma agonia autoerótica, que planeia o mundo de acordo com as normas que o Sujeito criou para si mesmo e não há possibilidade alguma de lidar com o mundo. É a partir desta insubmissão do Outro que pode haver diálogo e formas mais densas de pensar a realidade, como aquelas que vão aparecendo nas tatuagens.

4 SENSUALIDADE E EROTISMO: Notas sobre o eros presente nas tatuagens

Por definição a tatuagem é uma nova roupagem, que o Sujeito escolhe. Tem o crivo da dor, para que a escolha da identidade pessoal seja feita. Além disso, o algoritmo imagético a que a Pessoa pode aceder para determinar o tipo de Presença que escolhe para o seu Corpo. Mas o elemento estético, que oferece uma identidade espiritualizada ao Sujeito, não é algo de transparente e de partilhável.

Na escolha da imagem, existe uma codificação da mesma, portanto, não se trata de plasmar no corpo algo de protocolar. Há uma justaposição de dados, que ganha a densidade de uma simbólica.

Motivos marítimos, números, representações são frequentemente justapostas a outros temas. Mas, ainda quando não acontece, é preciso notar uma dificuldade de acesso ao significado da imagem, porque é simbólica.

Sabedoria, força e beleza são convocadas para a imagem, que uma determinada Pessoa escolhe tatuar e neste sentido suscitam uma curiosidade de tipo fenomenológico: ao perceber uma imagem, densa, diante de mim, demoro o meu olhar nela. Sou permeável ao mistério e, neste sentido, através da nova roupagem que escolho, desenvolve-se uma erótica na sua verdadeira aceção.

Note-se que não é o tema que faz surgir uma dimensão erótica. O cunho misterioso, fenoménico, vem da Presença, que oferece resistências ao olhar, e envolve o corpo numa dimensão que é nova. Nada tem que ver com uma mera dimensão decorativa.

A dimensão erótica, neste sentido, é profundamente espiritual e está longe do pornográfico desfazer de imagens. No verdadeiro sentido, é a janela de oportunidade para um enamoramento do outro. É a porta para a Presença, do absolutamente diferente.

REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto. **Diário Mínimo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.
- HAN Byung-Chul. **A Salvação do Belo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- MARION, Jean-Luc. **L'Idole et la distance**. Paris: Grasset, 1980.
- ZUBIRI, Xavier. **El hombre y la Verdad**. Madrid, 1992
- BATAILLE, G. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité II**. L'usage des plaisirs. Paris: Gallimard, 1997.
- PEREIRA, Américo. www.lusosofia.net/textos/20191023-pereira_americo_2019_estudos_platonicos_v.pdf
- SERVOIS, Julien. **O cinema Pornográfico**. Lisboa: Ed. Texto&Grafia, 2009.

(Recebido em outubro de 2021; aceito em novembro de 2021)